

Alta dos juros faz cair o crescimento americano

Heitor Tepedino

Nova Iorque — As altas taxas de juros já frearam a economia americana, como era o objetivo do Federal Reserve (Banco Central), conforme demonstra a expansão da produção industrial de maio, com um crescimento de apenas 0,4 por cento, contra 1,1 por cento no mês anterior. A maioria dos economistas, mesmo com esses resultados, estima que a "prime rate" continuará elevada no correr deste ano, bem como a inflação americana irá crescer substancialmente nos atuais 4,5 por cento. Tal a divergência entre os economistas americanos, que nenhum deles arrisca uma previsão para o crescimento econômico deste país nos próximos meses.

Para alguns críticos, ultimamente os analistas de mercado têm errado em suas previsões, embora os estudos feitos pelos bancos apontem para novas altas das taxas de juros, como numa preparação psicológica caso decidam sacrificar ainda mais os seus devedores. Observa-se que com um crescimento econômico, acelerado ou não, o que os banqueiros menos pensam neste momento é em reduzir suas taxas de juros. Como o Congresso americano está partindo para reduzir o déficit orçamentário governamental, a tônica agora é que a inflação irá crescer assustadoramente até o fim do ano, o que, para os banqueiros, é a nova argumentação para manterem os seus lucros altos.

As incertezas de rumos da economia americana certamente penalizam as economias dos países em desenvolvimento, porque com barreiras comerciais ou não, nossos produtos continuam atravessando as fronteiras, apenas com um ritmo mais acelerado algumas vezes e mais lentos outras vezes. No entanto, o crescimento da economia dos industrializados é vital para que os produtores de matérias-primas possam alcançar uma expansão da balança comercial sem o sacrifício do corte das importações, o que agrava ainda mais suas economias em recessão.

Deficit nos EUA

Washington — O déficit da balança de pagamentos dos Estados Unidos chegou ao recorde de 19,4 bilhões de dólares no primeiro trimestre do ano, informou ontem o Departamento de Comércio. O recorde anterior de déficit registrou-se no trimestre anterior, com 17,2 bilhões de dólares. Nos dois casos o déficit de pagamentos foi causado por um grave déficit comercial que o excedente das transações financeiras e da balança de serviços não consegue compensar. O déficit comercial para o primeiro trimestre de 1984 foi de 25,6 bilhões de dólares contra 19,4 bilhões no quarto trimestre de 83.

Tanto os EUA quanto os demais países industrializados garantem que suas economias continuarão crescendo, o que muitos analistas duvidam. Do lado americano, na semana passada, o Departamento de Comércio anunciou que os investimentos empresariais deste país, descontada a inflação, irão expandir 14,8 por cento este ano, um dado alentador, porque supera os 12,6 por cento previstos em um estudo elaborado ainda no ano passado. Contudo, será que com os juros altos os empresários continuam incentivados a expandir os seus negócios?

Comentários

O déficit orçamentário dos Estados Unidos para o período de três anos, que tem início em primeiro de outubro próximo, mesmo com a promessa do Congresso de reduzi-lo para US\$ 150 bilhões, não anima os analistas de mercado em relação às taxas de juros e à inflação. Entrevistado pelo *The Waal Street Journal*, Norman Robertson, chefe do departamento econômico do Pittsburghs Mellon Bank, disse que "é tolice esperar uma queda dos juros quando o Governo Federal está pegando um terço de todos os fundos que crescem no mercado de crédito e a economia privada está estourando". Por seu lado, em entrevista no mesmo jornal, Lacy Junt, economista-chefe de investimentos da firma CM & M. Group, observou que na primeira metade da década de 70 a poupança pessoal era três vezes o valor dos empréstimos governamentais. Agora — acrescentou — os empréstimos governamentais excedem as poupanças pessoais. O Tesouro está constantemente no mercado e isto ajuda para fazer o mercado permanecer sob pressões de crédito."

Por outro lado, alguns analistas acrescentam que no caso de ocorrer alguma queda das taxas de juros antes das eleições presidenciais deste ano, em novembro, quando Ronald Reagan deve disputar a presidência com Walter Mondale, isto significará que a economia americana está voltando a ficar recessiva, necessitando de incentivos no campo financeiro para retomar o crescimento.

O Federal Reserve, por seu lado, que vinha sendo criticado pela sua política monetária restritiva, agora está sendo criticado por ter injetado recursos em demasia no mercado e que este será o fator principal para a inflação voltar a disparar nos próximos meses.

As divergências sobre o futuro da economia americana continuam predominando no noticiário dos principais jornais deste país. A esperança é que no caso de o Congresso aprovar uma drástica redução do déficit orçamentário do governo, os rumos pretendidos por Reagan fiquem mais definidos, porque até agora muitos duvidam da recuperação econômica americana como um fato definitivo. Afirmar que ela será mantida somente até as eleições de novembro, para garantir a reeleição de Reagan.